CONSTRUÇÃO DE TEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL:
Uma Proposta Desafiadora para a Escola Atual

SIMEI SANTOS ANDRADE
Assistente social, pedagoga, especialista em currículo e avaliação na educação básica, mestranda na área de Educação no Unasp.

RESUMO: A construção de textos na educação infantil ainda é uma experiência pouco valorizada, em virtude de uma não compreensão ou até mesmo uma negação por parte dos educadores do referencial sociocultural trazido pelos alunos, como se este não fosse seu mundo. A linguagem verbal possibilita à criança a operacionalização de suas idéias, o desenvolvimento do raciocínio lógico e a interpretação do seu cotidiano de forma crítica. Neste trabalho analisaremos como a linguagem verbal auxilia o aluno na produção de textos e como o professor pode contribuir ou impedir essa produção.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem, cotidiano, produção de texto.

Production of Texts on Child Education: A challenge proposal to contemporary school

ABSTRACT: The production of texts on child education is still a very little valued experience because of a miscomprehension or even a negation by educators of students’ social and cultural referential, as if it weren’t their world. The verbal language enables the child to operate his/her ideas, to develop the logical reasoning and the interpretation of the quotidian in a critical manner. In this article we will analyze how the verbal language helps the student to produce texts and how the teacher can contribute or block the students work.

KEYWORDS: Language, quotidian, production of text.

(...) a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através da nossa prática consciente.

Paulo Freire

A educação infantil tem se caracterizado por uma negação ao direito da criança de expressar o que de mais puro ela tem, que são: sua fala, seus gestos, sua escrita, suas brincadeiras, seu olhar, sua afetividade ou até mesmo sua agressividade, enfim sua própria história. O verbo “silenciar”, usado como recurso para tolher a criança de exercitar a verbalização, tem sido o mais empregado nas escolas brasileiras. Expressões do tipo “cala a boca, você está perturbando a aná”, “não fale, você está atropelando o coleguinha”, “psiu, vamos ficar caladinhos?”, “1,2,3 fechando o zíper, todos ficuem calados”, infelizmente ainda fazem parte da metodologia de muitos professores. Alguns alegam que é necessário falar dessa maneira com os alunos para manter a autoridade, dar li-

A linguagem verbal possibilita à criança a operacionalização de suas ideias, o desenvolvimento do raciocínio lógico e a interpretação do seu cotidiano de forma crítica. Estruturar e/ou organizar as falas dos alunos para que eles percebam que elas têm significado é essencial; é a transcrição de seu pensamento na busca de desvelar o significado de suas falas, pois cada expressão revela, além de relatos de experiências, histórias de vida e sentimentos, o processo de politização latente na luta por educação, saúde, lazer, moradia, saneamento básico. Enfim, a luta por seus direitos.

A construção de textos na educação infantil ainda é uma experiência pouco valorizada, em virtude de uma não compreensão ou até mesmo uma negação por parte dos educadores do referencial sociocultural trazido pelos alunos, como se este não fosse seu mundo. Quando as crianças relatam ou desenham suas observações mostram que esses momentos são referências em suas vidas, portanto, não devem e não podem ser ignorados. Paulo Freire afirma que quanto maior for o envolvimento do homem no seu meio, mais condições ele terá de repensar de forma dialética seu mundo, ou seja, através da ação-reflexão-ação os alunos podem escrever ou reescrever sua história, buscando respostas às questões que se apresentam, fazendo dos atos do dia-a-dia um mecanismo de luta contra o sistema que lhes nega o direito a uma verdadeira cidadania.

A produção de textos na educação infantil precisa contemplar a dimensão social, política, econômica e cultural dos sujeitos desse processo. Registramos algumas falas que contam estas dimensões e que podem ser objetos para um agir de fato na realidade desses cidadãos do agora, deste momento, e não de amanhã, como comenta a educadora espanhola Irene Balaguer, especialista em educação infantil: “As crianças de zero a seis anos são pessoas e têm direitos pelo que são, não pelo que serão”.

Assim, o que falam e a forma como falam traduzem as suas realidades, como as frases ditas pelos alunos de uma escola de Belém, a seguir descritas:

- “Menino levou o faleo (varelo), o homem deu uma facada bem aqui nele” (passando a mão na região do abdome);
- “A casa daquele homem tem número, a minha casa tem número também”;
- “A tia Nanda vende chop, olha o pacão (placa) ali”;
- “A rua da escola é grande, e a outra tem um buraco no meio”;
- “Essa casa é pintada de branco e aquela é, é, é... eu não saibo” (eu não sei);
- “Olha aquele papagaio, eu tenho cato (quatro) (mostrando dois dedos levantados);
- “Ei tia, a Benedita tem piolho, olha aqui”;
- “Quando chove muito, muito, a gente fica em cima da cama e a água fica toda dento (dentro) da casa”;
- O papai bigo5 (brigo) com a mamãe, ele bebe muita cachaça. Ele távendo”;
- “A mamãe tava enralhada (encaralhada) ontem, ela me deu porrada”;
- “Lá na rua a gente binca (brinca) é muito de peteca, guerra de mato, de pira mãe”;
- “Tem uma begê (brega) porretinho perto da feira”;
- “A mamãe saim e demorou que só, eu me mandei pra rua”;
- “A gente não tem o que fazer, aí a gente fica brincando na rua”;
- “Não tem comida lá em casa, aí a gente vai lá pra casa da tita”;
- “O cara da mamãe dá porrada na gente”;
- “Eu ajud o papai que vendo churrasquinho de gato lá no campo”;
- “Eu, a mamãe e meu rimão10 (irmão) fumo11 (fomos) pa12 (para) paia13 (praia) do Outeiro”.

Falar de suas vidas nem sempre é uma experiência agradável para os alunos, em virtude de algumas dificuldades por vezes vivenciadas como desestruturação familiar, fome, desemprego dos responsáveis, trabalho infantil, falta de moradia digna, falta de respeito à pessoa humana, direito de brincar, direito de ser verdadeiramente criança. Enfim, violência de toda ordem. Portanto, essa é sua história e construir textos trabalhando com essas experiências oportuniza discutir com seus pares sua condição social, a conscientização de sua situação real e alternativas de melhoria da vida.
Quando a escola valoriza o cotidiano do educando, fazendo a relação dos conteúdos trabalhados e sua vivência, aí se efetiva a verdadeira função social da escola, o de estar junto da comunidade e resgatar no seio dela o fio condutor do trabalho pedagógico.

Além de resgatar o cotidiano dos alunos, a produção de texto na educação infantil requer dos educadores uma sensibilidade para ouvir o que os alunos falam e respeitar o que falam. A oralidade dos alunos não é ingênua, mas um processo em construção.

Algumas frases, palavras e expressões se repetem e o educador necessita ter claro que nessa fase as falas são curtas; algumas iniciam com um assunto e terminam com outro; há interferências nas construções das frases, provocadas por conversas e brincadeiras que são muito comuns nesta etapa da vida dos alunos; dificuldade de sistematização de seus pensamentos; quando o assunto contagia o grupo, todos querem falar ao mesmo tempo.

A construção de um texto não se dá apenas em um dia, mas pode levar semanas ou até meses, dependendo do envolvimento do grupo. Alguns alunos se expressam menos que outros; em uma construção coletiva, porém, a participação de todos faz diferença, mesmo que seja apenas com um gesto, um sorriso, um olhar ou uma palavra. Enfim, essas questões não se constituem problemas no processo de construção de textos; entretanto, se não forem trabalhadas com responsabilidade podem gerar uma produção que não contemple a verdadeira história de seus autores.

Trabalhar com textos na educação infantil é valorizar todo o processo dialógico que se concretiza a partir de observações, que são analisadas de forma coletiva, tornando-se agora inquietações que nos remetem a uma tomada de decisão. Assim, percebe-se que após cada etapa desse processo os alunos solicitam novas caminhadas pela comunidade, dizendo “hoje eu não quero ficar na escola, a gente quer ir pra comunidade”, “vamos no Santuário pra ele ensinar a gente fazer açai”, “na rua tem um bocado de palavrinhas pra gente aprender”, “meu pai faz tapioca, pamonha. Ele acorda de madrugada pra fazer também e eu levo todo mundo lá em casa pra ver ele fazendo”. Isso demonstra que o espaço fora da escola está sendo reconhecido como espaço de aprendizagem, de reflexão, sendo exercida de forma contagiante.

Trabalhar contemplando uma educação libertadora exige estudarmos incansavelmente e estarmos abertos a um novo momento que se apresenta: a escola como espaço de diálogo, reflexão, mudança e prazer.

**BIBLIOGRAFIA:**


